

O lugar e o papel dos símbolos no processo educativo-religioso

Remí Klein*

Resumo: O texto aborda o lugar e o papel dos símbolos no processo educativo-religioso. A partir da sua pesquisa e da sua prática docente, o autor percebe o quanto os símbolos religiosos são significativos na vida das pessoas, sobretudo das crianças e dos jovens, permeando o seu imaginário religioso e estando profundamente interligados com suas histórias, suas vivências, suas pessoas de referência e suas perguntas existenciais marcantes. Trata-se de um enfoque teológico-pedagógico, bem como epistemológico e metodológico, visando repensar a formação e a atuação docente na área de conhecimento do Ensino Religioso na escola e em outros contextos educacionais.

Resumen: El texto aborda el lugar y el papel de los símbolos en el proceso educativo religioso. A partir de su pesquisa y de su practica docente, el autor percibe cuanto los símbolos religiosos son significativos en la vida de las personas, sobretodo de los niños, niñas, y de jóvenes, penetrando su imaginario religioso y estando profundamente interligados con sus historias, sus vivencias, sus personas de referencia y sus preguntas existenciales distintivas. Se trata de un enfoque teológico-pedagógico, así como epistemológico y metodológico, que quiere repensar la formación y la actuación docente en el área de conocimiento de la Enseñanza Religiosa en la escuela y en otros contextos educacionales.

Abstract: The text deals with the place and role of symbols in the religious-educational process. Based on his research and his professorial practice, the author perceives how significant the symbols are in the life of people, especially of children and youth, and how they permeate their religious imaginery, being profoundly interconnected with their stories, their life experiences, their reference persons and their significant existential questions. It is about a theological-pedagogical focus, as well as epistemological and methodological, aiming at rethinking the professorial formation and action in the area of Religious Education knowledge in the school and in other educational contexts.

* Prof. Dr. Remí Klein é professor de Educação Cristã na Escola Superior de Teologia (EST) e na UNISINOS, em São Leopoldo, RS. E-mail: remiklein@terra.com.br.

No cotidiano de nossas vidas e, sobretudo, em nossas vivências religiosas, estamos imersos num universo de imagens e de símbolos e de outras representações, que adquirem determinados significados que dão sentido à nossa existência, expressando e apontando para uma realidade invisível que (n)os transcende¹.

Os símbolos religiosos estão muito presentes no próprio corpo das pessoas, nas bolsas, nos carros, nas casas, nas igrejas. A este respeito, faço referência a um artigo de Jorge Cláudio Ribeiro, intitulado *O jovem e o Deus das pequenas coisas*, publicado na Revista *Diálogo*, em que o autor relata sobre uma experiência docente feita com cem estudantes na PUC/SP a partir de uma pergunta (Há objetos que considero simbólicos e que carrego em meu corpo ou próximo de mim?) e de duas propostas (Explícite o significado desses objetos e descreva seus rituais pessoais!). Transcrevo um trecho do referido artigo em que o autor, no seu dizer, procurou “levantar um pouco o véu que recobre a religiosidade do jovem”:

Muitas manifestações vieram à tona, de forma surpreendente. A surpresa se deveu ao fato de que, normalmente, se imagina que o universitário – devido a seu nível cultural e social e a alguma rebeldia que se lhe atribui – tenha aversão a amuletos e os veja com suspeita racionalista, típica dos tempos modernos e do ambiente acadêmico em que vive. No entanto, o que se constatou é que raríssimos estudantes, dois ou três, admitiram não fazer algum gesto simbólico nem carregar algum objeto poderoso.²

No decorrer da minha pesquisa de doutorado sobre o processo educativo-religioso³, percebi o quanto as nossas histórias religiosas marcantes estão permeadas por símbolos religiosos, profundamente interligados também com as vivências, as pessoas de referência e as perguntas existenciais religiosas⁴ e, por isso, desenvolvo a abordagem do tema deste artigo a partir

1 Termo *Transcendência* usado conforme o FONAPER – Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Religioso**. São Paulo: Ave Maria, 1997.

2 RIBEIRO, Cláudio. O jovem e o Deus das pequenas coisas. *Diálogo: Revista do Ensino Religioso*, São Paulo, n. 29, p. 36, 2003.

3 KLEIN, Remí. **Histórias em jogo: rememorando e ressignificando o processo educativo-religioso sob um olhar etnocartográfico**. 2004. 315 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2004. Pesquisa realizada de 2000 a 2004, em vinculação com a docência na disciplina de Metodologia do Ensino: Ensino Religioso, com aproximadamente 2500 crianças e 500 estudantes de Pedagogia na UNISINOS e de Teologia na EST.

4 Optei, por isso, em pesquisar o processo educativo-religioso na perspectiva de sete categorias de análise: olhares em perspectivas, histórias religiosas marcantes, vivências religiosas marcantes, pessoas de referência religiosa, símbolos religiosos marcantes, perguntas existenciais religiosas marcantes e novos olhares “em formação”.

da simbologia religiosa, num enfoque pedagógico, na perspectiva do Ensino Religioso na escola. No entanto, por se tratar de um processo abrangente, que não se restringe ao componente curricular do Ensino Religioso e tampouco ao espaço escolar, opto por falar em processo educativo-religioso.

O teólogo Paul Tillich chegou à conclusão de que “a linguagem da fé é o símbolo”, ao afirmar: “A fé, como a condição em que se está tomado por aquilo que nos toca incondicionalmente, não conhece outra linguagem a não ser a do símbolo”.⁵ Ou seja, as pessoas só conseguem compreender e expressar a sua fé e a sua religiosidade, num sentido bem amplo, utilizando-se do visível para falar do invisível, do presente para falar do ausente, do humano para falar do divino, do imanente para falar do transcendente.

Aquilo que toca o homem incondicionalmente precisa ser expresso por meio de símbolos, porque apenas a linguagem simbólica consegue expressar o incondicional.⁶

No vídeo *Os símbolos*, Rubem Alves afirma:

[...] eles têm a capacidade de costurar as nossas experiências;

[...] através do símbolo eu sou capaz de recuperar uma coisa que perdi;

[...] é uma imagem que mora dentro das coisas; no trigal da raposa morava um símbolo querido que era o pequeno príncipe;

[...] o Sacramento é um sinal presente de uma felicidade ausente.⁷

Evidencia-se, assim, o papel e o poder das imagens e dos símbolos nas religiões e na religiosidade das pessoas. Neste sentido, lembro as manifestações de comunidades islâmicas havidas em 2005 em várias partes do mundo em repúdio pela publicação de caricaturas do profeta Maomé, em jornais da Dinamarca. Estava em jogo um sentimento de ofensa e profanação religiosa manifestado pelos muçulmanos, sobretudo porque nas culturas islâmicas é proibido produzir e difundir imagens figuradas do profeta⁸.

Nesse sentido, ao abordar nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* o tratamento didático para o Ensino Religioso no ensino fundamental, o FONAPER propõe partir dos símbolos religiosos, estabelecendo o seguinte objetivo:

5 TILLICH, Paul apud GESTRICH, Reinhold. **Adão e Eva realmente existiram?**: imagens, parábolas e milagres na Bíblia. São Leopoldo: Sinodal, 2000. p. 16-17.

6 TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. São Leopoldo: Sinodal, 1974. p. 30.

7 Conforme vídeo ALVES, Rubem. **Os símbolos**. [s. l.]: Vídeo Arqui, [s. d.].

8 Conforme tema apresentado por José Rogério LOPES, professor na UNISINOS, em painel em 20/03/2006 sobre imaginário religioso: novas interrogações. Texto não publicado.

Favorecer a compreensão dos diferentes símbolos religiosos na vida e na convivência das pessoas e grupos, compreendendo que pela simbologia se expressa a idéia do transcendente de maneiras diversas nas experiências culturais e reverenciando as diferenças do outro.⁹

Alguns aspectos apontados na justificativa e na fundamentação da referida proposta:

Na compreensão dos diferentes significados dos símbolos religiosos na vida e na convivência, espera-se que o educando chegue ao significado dos símbolos mais importantes de cada tradição religiosa, a partir do seu contexto sócio-cultural, e que, na comparação do(s) seu(s) significados, desenvolva um entendimento e respeito crescentes na convivência da sala de aula e nos diferentes grupos.

[...] é necessário que, ao tratar os símbolos religiosos, se oportunize ao educando uma sensibilização para o mistério, pelo respeito e encanto, pela instigação e sensibilidade em admirar o(s) significado(s) que os símbolos trazem para cada tradição religiosa.

Como o símbolo remete para algo diferente dele, mas presente nele, e como o símbolo possui um significado especial e diverso do convencional, a idéia do Transcendente necessita ser trabalhada à luz das significações, a fim de capacitar o educando para a leitura mítico-simbólica.¹⁰

Assim, *O símbolo religioso traz para perto o transcendente* é o primeiro tema proposto pelo FONAPER no Caderno Temático nº 1, *Ensino Religioso: referencial curricular para a proposta pedagógica da escola*¹¹. Analisando a caracterização para um currículo de Ensino Religioso no Brasil, a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso, percebe-se que o tema dos símbolos religiosos perpassa toda a proposta curricular nos diferentes ciclos/séries. Para exemplificar, transcrevo os títulos que ali aparecem relacionados aos símbolos referentes apenas à primeira e à segunda séries:

Os símbolos religiosos na vida das pessoas; Os símbolos religiosos e o Transcendente; Os símbolos religiosos dão idéia do Transcendente; A força do símbolo em re-unir; Os símbolos religiosos são significativos e necessá-

9 FONAPER, 1997, p. 44. Os símbolos inserem-se dentro dos Ritos, que são um dos cinco eixos organizadores do conteúdo do Ensino Religioso, ao lado de Culturas e Tradições Religiosas, Escrituras Sagradas e/ou Tradições Oraís, Teologias e Ethos, conforme o FONAPER, p. 33ss.

10 FONAPER, 1997, p. 45-46.

11 FONAPER – Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. *Ensino Religioso: referencial curricular para a proposta pedagógica da escola. Caderno Temático*, Curitiba, n. 1, p. 44-45, [s. d.].

rios para as Tradições Religiosas se expressarem; Os símbolos religiosos intensificam a relação com o Transcendente.¹²

Os símbolos são marcantes e relacionais no processo educativo-religioso. Em minha pesquisa de campo, tanto com estudantes de Pedagogia e de Teologia como com crianças, a cruz foi o símbolo mais lembrado e referido, por diferentes razões:

Um símbolo marcante para mim foi e ainda é a cruz. Lembro, quando criança, tínhamos uma cruz luminosa atrás da porta do quarto. Morava no interior e naquela época não havia luz elétrica. A mãe nos acompanhava com um lampião até o quarto na hora de dormir, depois ficávamos no escuro, confesso que sentia um pouco de medo. Ficávamos olhando para a cruz até adormecer, pois eu acreditava que Jesus estava ali conosco. Já tínhamos a informação de que a cruz é um símbolo importante para o cristão e isto nos confortava. O símbolo da cruz luminosa, pendurada atrás da porta do meu quarto, foi durante a minha infância um sinal visível para me sentir protegida e segura. Penso que os símbolos religiosos cumprem o seu papel quando significam algo para as pessoas.¹³

A cruz aparece, portanto, como um símbolo religioso marcante no processo educativo-religioso das pessoas, presente na sua vida desde a sua infância, remetendo a momentos significativos vividos na família e na comunidade, representando e significando presença de Deus, fé, proteção e consolo.

Quanto à questão do uso do crucifixo e/ou da cruz vazia, remeto a uma pesquisa feita por Terezinha Batista, na Paraíba e em Pernambuco, com crianças de zero a sete anos, e publicada sob o título *Evolução da fé na criança*, prevalecendo nos desenhos e nas falas das crianças uma imagem de um Cristo morto:

No diálogo sobre o seguinte: “Já viu Deus? Quando você reza, olha para onde?” E nos desenhos da figura de Deus, o que a criança apresenta é Jesus Cristo. Observei que a criança, que freqüentemente vê Jesus na cruz, desenhou Deus na cruz. Perguntei por que Deus está na cruz e elas geralmente responderam: “Porque está morto”.¹⁴

12 Conforme FONAPER – Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. **Caderno de estudos integrante do curso de extensão – a distância – de Ensino Religioso**, Curitiba, n. 10, p. 24, 2000, e FONAPER – Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. **Caderno de estudos integrante do curso de extensão – a distância – de Ensino Religioso**, Curitiba, n. 11, p. 26-27, 2000.

13 Extrato do memorial descritivo-analítico de uma estudante de Pedagogia na UNISINOS em 2003.
14 BATISTA, Terezinha. **Evolução da fé na criança de 0 a 7 anos**. São Paulo: Paulinas, 1974. p. 33.

Outro símbolo também bastante destacado na pesquisa foi a Bíblia, por diversas razões, muitas vezes associadas a momentos significativos e a pessoas de referência religiosa, como vemos no extrato de um memorial:

Tenho dois símbolos que são importantes para mim: uma Bíblia que eu ganhei de minha avó (hoje já falecida). Esta Bíblia era da minha avó quando ela conseguia ainda ler, mas, quando ela não pôde mais ler, devido a problemas de saúde, ela me deu a Bíblia que, desde então, fica sempre aberta na porta de entrada da minha casa na página do Salmo 91. O outro símbolo também marcante é um rosário de pulso que comprei no Santuário Padre Reus. Mesmo arrebitado, o guardo sempre em minha carteira.¹⁵

Neste memorial, além da Bíblia, também foi referido o rosário que, juntamente com o escapulário, são dois símbolos muito presentes na vida dos católicos¹⁶ e, assim, igualmente destacados em minha pesquisa de campo, representando, sobretudo, proteção.

Em minha docência e em minha pesquisa com estudantes de Pedagogia e de Teologia, muitos símbolos rememorados, além da Bíblia, referem-se às datas do ano litúrgico, através das suas representações e celebrações nas famílias e nas comunidades. Foram lembrados o pinheirinho, o presépio, os ramos, a cruz, a macela ou marcela, os ovos e tantos outros, muitas vezes associando e não distinguindo entre Deus/Jesus e o Papai Noel ou entre o Cristo Ressurreto e o coelhinho da Páscoa. Neste sentido, aparece com bastante destaque a Santa Ceia por toda expectativa, sobretudo, em torno da “primeira comunhão” e por todo mistério que a cerca no imaginário religioso infantil. Ela certamente está no cerne da simbologia religiosa cristã. Rememoro, neste sentido, as palavras do próprio Cristo: “Fazei isto em memória de mim”.¹⁷ Outrossim, recordando a história dos discípulos a caminho de Emaús, vemos ali que foi no partir do pão que eles O reconheceram¹⁸. História e símbolo, palavra e gesto são indissociáveis na

15 Extrato do memorial descritivo-analítico de uma estudante de Pedagogia na UNISINOS em 2004.

16 Mesmo sendo uma pesquisa abrangente em termos de pertença religiosa, todos os símbolos religiosos marcantes evidenciados em minha pesquisa são cristãos.

17 A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969. 1Coríntios 11.24. A questão da memória e da narração de histórias no processo educativo-religioso não é marca exclusiva do cristianismo, ocorrendo também em outras culturas como, por exemplo, entre os povos indígenas, conforme relato em vídeo de Lúcio Flores, índio terena do MT.

18 A BÍBLIA Sagrada, 1969, Lucas 24.30-31.

pedagogia de Jesus e, por conseguinte, também em todo processo educativo-religioso cristão¹⁹.

Os símbolos têm a ver com identidade e identificação. Conforme Ione Buyst, “simbolizar é perceber um sentido que vai além do valor funcional, ou seja, de perceber o que o objeto ‘vela e re-vela’”.²⁰ Nesse sentido, surpreendeu-me num memorial de uma estudante de Pedagogia a menção ao símbolo do peixe, usado pelos primeiros cristãos em meio às perseguições do Império Romano e ‘cooptado’ pela estudante e por sua turma de colegas como senha secreta entre elas:

Meu pai nos ensinou sobre a perseguição do Cristianismo e tudo que os apóstolos passaram segundo o livro de Atos dos Apóstolos. Ele nos contou sobre o peixinho que eles tinham como símbolo e eu achei muito legal, um símbolo secreto, que só os cristãos conheciam. Conteí para algumas meninas da igreja que estudavam na mesma escola que eu e nós combinamos usar este símbolo na escola, era segredo nosso, nós não contávamos para os outros colegas da escola o que significava e eles ficavam muito curiosos.²¹

A partir disso, trago algumas definições de símbolo, formuladas por Reinhold Gestrich com base em Paul Tillich que, segundo o referido autor, foi o primeiro teólogo do símbolo:

Eles (os símbolos) são impróprios, portanto, apontam para algo que está fora deles mesmos. São visuais e dão suporte a algo que não pode ser visto. Têm força própria, ou seja, dispõem de um poder inerente que também faz deles algo necessário. São reconhecidos, por exemplo, porque são mantidos por uma comunidade de fé e estão integrados em sua vida. Eles têm parte naquilo para o qual apontam (aquilo que eles representam pode ser experimentado por meio deles). Abrem caminho para níveis da realidade que, de outra maneira, permaneceriam inacessíveis. Revelam dimensões e estruturas de nossa alma que somente através deles podem chegar à nossa consciência.²²

Nesse sentido, Wolfgang Gruen aponta os seguintes desafios pedagógicos em relação aos símbolos religiosos:

19 Para aprofundar esse assunto, ver o estudo sobre gesto e palavra, elaborado por Danilo Romeu STRECK, com base em Lucas 24.13-35 apud DEPARTAMENTO DE CATEQUESE DA IECLB; INSTITUTO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ – EST. **Pedagogia de Jesus**. São Leopoldo: Sinodal, 1988. p. 32-37. (Série Educação Cristã & Criatividade, Caderno 1).

20 BUYST, Ione. **Celebração do domingo ao redor da Palavra de Deus**. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 71.

21 Extrato do memorial descritivo-analítico de uma estudante de Pedagogia da UNISINOS em 2003.

22 Reinhold Gestrich com base em Paul Tillich.

À escola está confiada a importante missão de, lenta e sistematicamente, iniciar a criança ao *simbolismo*: para que esta criança seja capaz de sentir a vida e o seu sentido, mesmo nos aparentes absurdos do viver humano: para que seja capaz de celebrar, de festejar. Esta gradual educação ao simbolismo será um dos grandes caminhos pelos quais a criança aprenderá a abrir-se àquilo (Àquele) que a transcende. Não é preciso sublinhar o valor ‘religioso’ desta educação. Mas será interessante refletir também sobre o quanto tal educação contribui para uma vivência sadia da fé desta criança na sua respectiva religião.²³

Os símbolos são, pois, certamente, a primeira e a principal forma de expressão religiosa, visto que o ser humano só consegue compreender e expressar a sua fé utilizando-se do visível para falar do invisível, do presente para falar do ausente, do humano para falar do divino, do imanente para falar do transcendente. Retomo, neste sentido, a afirmação de Paul Tillich: “A linguagem da fé é a linguagem dos símbolos. [...] A fé, como a condição em que se está tomado por aquilo que nos toca incondicionalmente, não conhece outra linguagem a não ser a do símbolo”.²⁴

Mais ainda para uma criança, que se encontra num estágio operativo concreto, faz-se necessário o uso de símbolos em seu processo educativo-religioso. Por isso, vejamos agora como este tema se evidenciou em minha pesquisa de campo com as crianças, a partir da transcrição do extrato de um memorial de uma estudante-pesquisadora. A cruz foi igualmente o símbolo mais lembrado e referido nos desenhos e nas falas das crianças, associada, em geral, a um sentimento de pena em relação ao sofrimento e à morte de Jesus, sem uma compreensão maior do seu significado teológico. Trata-se de um símbolo central no Cristianismo e, por isso, muito presente e visível nas casas e nas igrejas e, por conseguinte, também no processo educativo-religioso das crianças:

Sobre as histórias lembraram-se muito do filme a que assistiram e do livro que a tia leu sobre a paixão e a morte de Jesus Cristo. O que mais chamou a atenção do grupo foi o fato de Jesus ter sido pregado na cruz. Os desenhos retratam bem a cena chocante da crucificação. Mostram o Cristo de braços abertos:

– A gente viu Jesus morrendo... assim (mostra com os braços abertos), pregaram ele com pregos grandes. [...]²⁵

23 GRUEN, Wolfgang. Iniciação ao simbolismo. **Diálogo**: Revista do Ensino Religioso, São Paulo, n. 18, p. 29, maio 2000.

24 TILLICH, 1974, p. 30 e 33.

25 Extrato do memorial descritivo-analítico de uma estudante de Pedagogia da UNISINOS em 2004.

Além da cruz, vários outros símbolos foram referidos pelas crianças em minha pesquisa, como, por exemplo, a Bíblia, os sacramentos, a vela, os anjos, as imagens de santos, as figuras do presépio, a água benta, entre outros. Vemos que os símbolos estão intrinsecamente relacionados com as histórias ouvidas e com as vivências e experiências religiosas das crianças, associadas, sobretudo, às festas e às suas celebrações em família e comunidade, bem como a situações de medo e de perdas. Dentre as suas razões apontadas quanto aos seus significados, predominam a confiança, a proteção e a presença de Deus.

As histórias religiosas rememoradas pelas crianças estão permeadas de símbolos que mexem com as suas questões existenciais. Conforme Alicia Fernández: “O nível simbólico é que dá conta de nós mesmos, pois expressa nossos sonhos, nossos erros, nossas lembranças, nossas falhas, nossos mitos”.²⁶ Alícia Prieto também se refere ao jogo simbólico contido nas histórias, ao afirmar a sua função terapêutica:

[...] A ocasião está dada e cada um faz sua própria terapia. Nunca saberemos que cargas emocionais perturbam nossos pequenos, nem atinaremos em medir as ressonâncias subjetivas que poderão ser provocadas por esse jogo simbólico que, no fundo, toda história esconde.²⁷

Nesse sentido, para encerrar a minha abordagem sobre o tema, quero parafrasear uma referência de Reinhold Gestrich que, a meu ver, resume de forma muito precisa o poder e a função dos símbolos no processo educativo-religioso, não só da criança, mas de todo ser humano, ao afirmar:

[...] as pessoas encontram-se diretamente *no* símbolo. [...] Os símbolos não trazem novos conteúdos, mas remetem a experiências básicas da vida de modo exemplar e integral. Desta maneira, eles podem dar uma contribuição para a formação do sujeito e da identidade das pessoas.²⁸

Referências

- ALVES, Rubem. **Os símbolos**. [s. l.]: Vídeo Arqui, [s. d.].
- BATISTA, Terezinha. **Evolução da fé na criança de 0 a 7 anos**. São Paulo: Paulinas, 1974.

26 FERNANDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. p. 74.

27 PRIETO, Alícia apud SILVA, Maria Betty Coelho. **Contar histórias: uma arte sem idade**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2004. p. 61.

28 GESTRICH, 2000, p. 131-132.

ABÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BUYST, Ione. **Celebração do domingo ao redor da Palavra de Deus**. Petrópolis: Vozes, 1991.

DEPARTAMENTO DE CATEQUESE DA IECLB; INSTITUTO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ – EST. **Pedagogia de Jesus**. São Leopoldo: Sinodal, 1988. p. 32-37. (Série Educação Cristã & Criatividade, Caderno 1).

FERNANDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FONAPER – Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. **Caderno de estudos integrante do curso de extensão – a distância – de Ensino Religioso**, Curitiba, n. 10, p. 24, 2000.

_____. **Caderno de estudos integrante do curso de extensão – a distância – de Ensino Religioso**, Curitiba, n. 11, p. 26-27, 2000.

_____. Ensino Religioso: referencial curricular para a proposta pedagógica da escola. **Caderno Temático**, Curitiba, n. 1, [s. d.].

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Religioso**. São Paulo: Ave Maria, 1997.

FOWLER, James. **Estágios da fé**. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

GESTRICH, Reinhold. **Adão e Eva realmente existiram?: imagens, parábolas e milagres na Bíblia**. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

GRUEN, Wolfgang. Iniciação ao simbolismo. **Diálogo: revista do Ensino Religioso**, São Paulo, n. 18, p. 29, maio 2000.

KLEIN, Remí. **Histórias em jogo**: rememorando e ressignificando o processo educativo-religioso sob um olhar etnocartográfico. 2004. 315 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2004.

MEMORIAIS descritivo-analíticos: pesquisa de campo na disciplina de Metodologia do Ensino: Ensino Religioso. Estudantes do Curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e do Curso de Teologia da Escola Superior de Teologia (EST). São Leopoldo, RS, 2000-2004.

PRIETO, Alícia. Papel do conto na aprendizagem das emoções na idade pré-escolar. **Boletim Informativo da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil**, Rio de Janeiro, n. 68, 1984.

RIBEIRO, Cláudio. O jovem e o Deus das pequenas coisas. **Diálogo: revista do Ensino Religioso**, São Paulo, n. 29, p. 36, 2003.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. São Leopoldo: Sinodal, 1974.